

# SOCIEDADE

Em entrevista à STV

## Ministro da Educação reconhece falta de qualidade do ensino-aprendizagem

Zeferino Martins defende, entretanto, que a qualidade depende de factores externos, que a educação não pode controlar, e os quais o sector que dirige pode agir. E destaca a desnutrição na maioria das crianças como um factor

Francisco Mandlate

Na passada segunda-feira, iniciou, oficialmente, o ano lectivo 2011. Com mais de seis milhões de alunos inscritos, o sistema de educação continua a deixar uma parte considerável de alunos fora do sistema. A contratação de professores, distribuição de livros escolares e a construção de salas de aula têm sido os grandes desafios do Ministério da Educação. Na entrevista concedida à STV, o ministro da Educação, Zeferino Martins, fala destes desafios.

**Senhor ministro, como é que estamos em termos de qualidade do ensino no país, tendo em conta que há muitos questionamentos, em diversos quadrantes da sociedade, sobre esta matéria?**

A qualidade depende de factores externos, que a educação não controla, e internos, sob os quais nós podemos agir. Mesmo entre os factores internos, há aqueles que nos permitem agir sem precisar de esforços adicionais. Quando falo de factores externos, refiro-me, por exemplo, à nutrição. Nós temos um estudo feito pelo Ministério da Saúde e parceiros, que mostra que 44% da população com idade abaixo de cinco anos de idade têm problemas de desnutrição. Este é um factor externo à Educação, mas com grande influência na qualidade de ensino. Alunos desnutridos têm, naturalmente, dificuldade de se concentrar e compreender a matéria. Um outro aspecto é acompanhamento que deve ser feito pelos pais e encarregados de educação. O financiamento é um outro factor externo à educação. Há uma crise financeira internacional, os parceiros tradicionais da Educação vêm de países onde houve contenção. Por consequen-

te, prometem valores reduzidos, quando comparados àquilo que era o seu apoio nos anos anteriores. Vamos ter um triénio com algumas dificuldades, mas mesmo assim consideramos que foi uma vitória termos assegurado alguns financiamentos.

**O ensino secundário-geral tem estado a crescer a passos bastante lentos, se comparado com o ensino primário. Este facto concorre para o congestionamento do ensino secundário. Como sair desta situação?**

A expansão do ensino secundário tem que ser feita de maneira moderada, em função dos recursos disponíveis, para manter ou melhorar a qualidade do ensino. Quando tivermos as condições económicas necessárias, poderemos estender a escolaridade obrigatória de sete para dez classes. Um país pobre e que quer crescer, tem de fazer uma utilização judiciosa dos poucos recursos que tem. Todas as crianças com seis anos devem matricular-se na 1ª classe, devem frequentar o ensino primário de sete classes e completar essa fase do ensino. Estudos de fontes credíveis, que avaliaram as taxas de retorno de cidadãos com diferentes formações, mostraram que, nas zonas suburbanas e rurais, aqueles cidadãos que completaram a 7ª classe são os que conseguem melhores taxas de retorno dos seus negócios. Se todos os moçambicanos completassem a 7ª classe, o contributo económico desse exercício seria imenso. Não quero, com isso, dizer que não estou preocupado com os jovens que, tendo completado o ensino primário, queiram prosseguir com os estudos no ensino secundário.

**Senhor ministro, outro fenómeno preocupante na educação é o alto índice de reprovações, principalmente nos centros urbanos,**

**como é o caso da cidade de Maputo. Como é que isso se explica?**

Um dos problemas que terão criado altos índices de reprovações a níveis da 10ª e 12ª classes é o facto de o ensino secundário se ter expandido de maneira exorbitante. Expandiu-se a ritmos que não foram acompanhados pelos recursos, em termos de professores qualificados, espaços pedagógicos, etc. Portanto, estamos a ser vítimas do nosso rápido crescimento secundário. Fala-se de reprovações, mas não devemos culpar os exames. As reprovações são um sintoma, daí que temos que atacar a "doença". O ensino secundário cresceu de maneira extraordinária nos últimos anos e agora estamos próximos de atingir o número um milhão de alunos. Este número, alguns anos depois da independência, correspondia toda a população escolar. Na altura da independência, todo o sistema tinha apenas 600 mil alunos.

**Nesse caso, quer dizer que algo deve estar a correr mal?**

Está, sim, senhor (...). Foi essa rápida expansão desmedida (...).

**O que está a ser feito para reverter o cenário?**

Vamos conter a expansão. Estamos a contê-la não só porque queremos, mas também porque há uma imposição do ponto de vista de recursos. Não temos recursos para recrutar professores para o ensino secundário, pelo facto de o Orçamento de 2011 ser restritivo e de contenção. Reduzimos o número de professores a recrutar, de 11 mil para 8 500, porque a prioridade é o ensino primário. Esta imposição fez com que decidíssemos em pegar nesses 8 500 professores e colocá-los no ensino primário. E não vamos expandir o ensino secundário na teoria,



porque na prática há mais alunos que passaram da 7ª para 8ª classe e vão ser enquadrados no ensino secundário. Porém, isso vai ser feito à custa da deterioração do rácio aluno-professor, de ter turmas numerosas, à custa de alternativas

como ensino à distância, técnico-profissional (...).

**Nos últimos tempos, Moçambique tem estado a trabalhar no sentido de atrair grandes investimentos para o país, principal-**

# caça no país

não controla, e internos, sob  
r que afecta a qualidade de ensino

para liderar estes projectos?

Eu vou dizer que, sim, o sistema está alinhado, o ensino técnico tem que seguir as necessidades do desenvolvimento de recursos económicos bem como recursos humanos qualificados. Nos anos 2000, fez-se um estudo para ver quais os sectores com maior dinamismo na sociedade moçambicana, e identificamos a agricultura e processamento; manutenção industrial; contabilidade e auditorias; e hotelaria e turismo.

Como é que se explica que tenhamos crianças a estudar ao relento?

Novamente, nós não podemos deixar as crianças fora da escola. Às vezes, as pessoas criticam o facto delas se sentarem no chão, mas é preferível tê-las sentando no chão, ao ar livre e com professor, a ter nenhuma criança na escola. É preferível ter turmas numerosas a reduzir o número de alunos por turma e termos crianças fora da escola. Nós somos um país democrático, a educação é para todos.

E, como é que estamos em termos do livro escolar de distribuição gratuita?

Já distribuimos 80% do livro até ao nível dos distritos, e consta-me que o livro já chegou a muitas escolas. Imprimimos 100% dos livros de língua portuguesa e matemática da 1ª e 2ª classe (...). Com relação aos livros da 3ª até à 7ª classe, estimamos que estes livros durem três anos na mão do aluno. Imprimimos 33% dos livros necessários da 3ª a 7ª classe. O que estamos a dizer é que da 3ª a 7ª classe, o aluno não deve escrever no livro, pois o mesmo deve ser reutilizado. Somos um país pobre e não podemos imprimir sempre 100% dos livros. ■

mente para a área de energia, hidrocarbonetos, exploração de recursos minerais. O nosso sistema de educação está alinhado com estas estratégias de desenvolvimento? A nossa educação está a formar o moçambicano



**Um cliente afortunado  
poderá candidatar-se a  
ganhar 2000Mts, por  
semana, durante  
5 semanas. Para se  
qualificar para o prémio,  
escreva o seu nome e  
contacto no seu recibo e  
meta-o na caixa do  
concurso.**

**Este concurso decorrerá por  
cinco semanas, de 13 de  
Dezembro de 2010 a 16  
Janeiro de 2011.**



**kadaterra**

O Meu **SPAR** 